

Economistas prevêem segundo semestre melhor ^{Brasil}

Sérgio Costa

O descongelamento de preços não vai colocar nos pincaros a taxa de inflação. A economia vai continuar com o crescimento que começou a exibir desde abril e poderá até mesmo sair da recessão. Como resultado, o desemprego no país vai diminuir. Juntando tudo, fica um quadro bem diferente do que se esperava no início do ano — quando a inflação começou a subir e levou a economia brasileira a passar por mais um tratamento de choque, o Plano Collor II.

Agora que o primeiro semestre já faz parte do passado, são essas as previsões para 1991 que estão saindo do forno, produzidas pelos economistas que trabalham com os cenários do futuro. E na maioria das análises, pelo menos uma certeza: a liberação dos cruzados novos não vai resultar no *setembro negro* que se temia. Aquele setembro das pessoas correndo para o consumo, aceitando mais docilmente os aumentos de preços e a inflação, mais uma vez, fazendo acender uma *luz vermelha* no *painel de controle* da equipe econômica.

“As previsões do início do ano estavam muito pessimistas”, admite o economista Cláudio Contador, encarregado da publicação trimestral *Indicadores Antecedentes*. “A recessão chegou ao fundo do poço ainda em fevereiro”, diz Sérgio Medeiros, da *Suma Econômica*. “O clima melhorou, porque com a mudança de equipe econômica o diálogo com os empresários está ocorrendo”, completa Francisco de Assis Moura de Mello, da SMS Projeções Econômicas e diretor do Banco Marka.

Inflação — Para a inflação, por exemplo, não é fácil encontrar projeções calamitosas. A *Indicadores* de agosto vai circular com uma previsão de 280% a 330% para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor, INPC,



Contador e Assis: otimistas

deste ano. Para a *Suma Econômica*, o número preciso é de 330% para 1991. E os levantamentos do Banco Marka e da SMS indicam uma faixa entre 320 e 360% para a alta dos preços no varejo, entre janeiro e dezembro. Em geral, os comentários que acompanham os números não poupam elogios à política de descongelamento de preços que começou a ser praticada pela nova equipe.

No caso dos antigos temores da pressão dos cruzados novos liberados, Contador lembra que o governo já está tomando providências como a permissão de utilizar o dinheiro bloqueado para liquidar dívidas federais. Medeiros recorre aos números: dos Cr\$ 7,8 trilhões que serão liberados em 12 meses, apenas 30% do total pertencem à faixa da população mais inclinada a partir para o consumo — uma massa com Cr\$ 1 milhão bloqueados, em média, que ainda levarão um ano para serem completamente devolvidos aos donos.

Fim da recessão — O detalhe é que previsões terminam reservando, para os cruzados novos, o papel de mais uma injeção de ânimo na economia, com o que se conseguir de aumento no consumo. “Eles vão estimular a produção e ainda existe uma capacidade ociosa muito grande na indústria”, diz Moura de

Mello. As projeções do Banco Marka e da SMS apontam agora, para 1991, um crescimento de 0 a 2% na produção industrial e a mesma faixa para o Produto Interno Bruto, o PIB. O fim da recessão também está nas previsões da *Suma*, que aposta em zero ou 1% de crescimento. Trabalha ainda com uma queda, de 2% — mas abaixo dos -4,6% de 1990.

Economia crescendo é sinônimo de mais emprego. As previsões estão citando números entre 3 e 5% para a taxa de desemprego aberto, que o IBGE calcula em cima da População Economicamente Ativa (pessoas com 15 anos ou mais, à procura de emprego). É bom lembrar que, em abril e maio, essa mesma taxa foi de 5,7%, quando o Instituto contabilizou mais de 1 milhão de trabalhadores sem ocupação.

Quem não está com leitura otimista é a Macrométrica, do economista Francisco Lopes. As estimativas de 1991 apontam para uma inflação (também pelo INPC) de 1.247%, uma queda de 4% no PIB e de 10% na produção industrial, uma taxa de desemprego de 6,5% e juros da TR acumulados em 1.438%, nos 12 meses. “A calma pode ser enganosa”, diz um dos trechos do último boletim, falando do clima que se seguiu à mudança de equipe econômica.

“A equipe tenta, com suas câmaras setoriais, administrar a velocidade da reaceleração inflacionária produzida pelo descongelamento, mas isso pode se revelar tarefa ingrata”, diz o boletim. A análise de Chico Lopes atribui a retomada da atividade na indústria a uma *bolha* de consumo produzida pelo congelamento. “Como em toda bolha, entretanto, o aquecimento deverá ser apenas temporário”. E fala de setembro, onde as pressões não se limitariam aos cruzados novos, mas também por conta do descongelamento dos aluguéis e de mais um reajuste trimestral do salário mínimo.